

Agora Bresser resolveu brincar de Meneguelli?

Se o ministro Bresser Pereira pretendia fazer uma provocação a nossos credores, pode estar certo de que atingiu plenamente o objetivo. Não poderia ser outra, aliás, a consequência do seu leviano discurso da última sexta-feira, em Viena, diante de uma atônita e seletíssima audiência de banqueiros europeus e norte-americanos, dirigentes de entidades financeiras e instituições internacionais, e altos funcionários dos países credores, reunidos para o 40º U.S. Congressional Summit.

Quase paralisados, nossos credores ouviram nosso ministro da Fazenda dizer-lhes que devem desistir de receber uma parte da dívida, "porque o valor de mercado da dívida do Terceiro Mundo tem declinado de modo persistente". Tudo o que os bancos têm a fazer, segundo o sr. Bresser Pereira, é concordar com a idéia de que essa dívida corresponde, em média, a 50% do seu valor nominal. Depois, aceitar que essa metade da dívida seja trocada por outros títulos de longo prazo, para serem pagos a taxas de mercado. Ou então, manter o valor nominal da dívida, mas reestruturá-la a taxas de juros fixas, inferiores às do mercado financeiro internacional.

Porém, quem garantirá o pagamento desses novos títulos? Nosso ministro, com uma lógica suspeitíssima, responde: "Os países credores poderão considerar de seu próprio interesse participar da concessão de garantias para a dívida reestruturada... As instituições financeiras multilaterais e uma nova agência para administração da dívida, a ser eventualmente criada, poderiam igualmente associar-se a um esquema de garantia da dívida reestruturada..." Da parte dos devedores, garantia nenhuma. Talvez, diz ele, se os credores concordarem com tudo, "cresça o empenho dos devedores em ajustar-se"...

Sinceramente, temos a impressão de que o ministro responsável pela gestão de nossa economia resolveu brincar de Jair Meneguelli, isto é, adotar a mesma tática dos dirigentes da CUT que, quando se sentam na mesa de "negociações" já com a greve na cabeça, costumam apresentar as reivindicações mais inviáveis, impossíveis de serem atendidas, para depois jogar a culpa pelo "impasse" no outro lado. Assim a opinião pública é induzida a pensar que tudo resulta da "intransigência patronal".

De fato, num homem com o preparo e a experiência pessoal do sr. Bresser Pereira dificilmente se pode colocar a sequência dos últimos acontecimentos na conta da "inabilidade tática". Ao romper o tradicional sigilo que caracteriza as negociações desse tipo, divulgando a sua "proposta" no Brasil, com grande estardalhaço, antes de partir, e atribuindo-lhe características conciliadoras que ela definitivamente não tem, o ministro está apenas preparando o terreno, como os homens da CUT, para dizer internamente que "o Brasil fez a sua proposta, mas os banqueiros não cederam um milímetro".

Sem exceções, todos os que ouviram a sua "proposta" no Exterior tiveram reações mais ou menos indignadas. Alguns, como o presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, aproveitaram a oportunidade para enviar um importante recado a nosso ministro: "Ou compreendi muito bem e não haverá nenhuma possibilidade de dar certo ou não entendi nada". Oxalá essas palavras não caíam no vazio, assim como as do ex-diretor-gerente do FMI Jacques de Larosiére, hoje presidente do Banco da França, que fez um conjunto de sugestões sobre o pagamento de juros ao assessor especial do ministro da Fazenda, Fernão Bracher, as quais, diplomaticamente, sugeriu que sejam incorporadas à proposta do Brasil aos credores.

Como se recorda, Larosiére foi um dos principais responsáveis pela mudança de orientação do FMI, que sob sua gestão passou a dar ênfase aos programas de ajuste interno com crescimento econômico, como deseja o sr. Bresser Pereira. No entanto, nosso ministro, empenhado em agradar o "público interno" (leia-se os radicais do PMDB), continua a propor "soluções heterodoxas" para o problema da dívida e só "aceita" o FMI depois de um acordo com os credores privados.

A falta de realismo do sr. Bresser Pereira e do governo Sarney como um todo no tratamento da questão da dívida é hoje o principal obstáculo a um acordo vantajoso com os credores, nos moldes dos obtidos pelo México e pela Argentina. Essa atitude irracional já está esgotando a paciência de nossos principais parceiros internacionais, entre eles os Estados Unidos, onde o ministro da Fazenda se avistará hoje com o secretário do Tesouro, James Baker III, na tentativa de um entendimento de alto nível. Como se vê, com o discurso de Viena (recebido com forte irritação por Baker), o sr. Bresser Pereira pode ter liquidado esse encontro a priori, transformando-se aos olhos do governo norte-americano em um novo Dilson Funaro.

Ao contrário do que ocorreu no início deste ano, Baker não dará o seu apoio a qualquer iniciativa "heterodoxa" no terreno da dívida externa. Ou seja, o governo dos EUA não aceitará propostas "inovadoras" como a de Viena nem favorecerá um acordo com os bancos privados sem que o Brasil faça simultaneamente um acordo formal com o FMI. O mesmo se deve esperar dos banqueiros europeus e norte-americanos, a julgar pelas reações às idéias expostas em Viena. O influente *Wall Street Journal*, por exemplo, refletindo as opiniões dominantes na comunidade financeira internacional, considerou a proposta de Bresser "perigosamente radical e inaceitável", acrescentando que iniciativas desse tipo ameaçariam tumultuar os acordos já assinados com outros países. Na Europa, o repúdio à proposta é também inegável, como resumiu um banqueiro inglês:

"O novo plano brasileiro, da maneira como o conhecemos, parece ter sido baseado na falsa idéia de que os bancos estariam dispostos a ignorar parte da dívida antiga do Brasil, cobrindo o rombo com o aumento de suas reservas. Naturalmente, as coisas não podem ser assim."

E não podem mesmo. Todo mundo no Brasil sabe disso, a começar pelo ministro Bresser Pereira, passando, é claro, pela minoria radical que quer o rompimento com a comunidade financeira internacional. Só que, a não ser pela honrosa e corajosa exceção do ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, ninguém neste governo admite a verdade em público. (Castelo Branco defende a ida imediata ao FMI, pois qualquer posição contrária representa uma "negação da racionalidade".)

Com uma falta de sensibilidade que já ultrapassa, em muito, o limite da simples incompetência, este governo parece disposto a desperdiçar aquela que, muito provavelmente, será a sua última oportunidade de iniciar negociações sérias visando reintegrar o Brasil à comunidade financeira internacional e evitar, assim, o pior. Isto é, que mais um dos seus planos econômicos

acabe chegando aonde este já está indo. Não sabemos o quanto o presidente Sarney confia nos novos "amigos" que se têm esforçado por cativar nas Forças Armadas como garantias suficientes para o cumprimento integral do seu mandato, ou até que ponto subestima a inteligência da opinião pública brasileira, se é mesmo — e oxalá estejamos errados — que está empenhado no "jogo do Meneguelli". Mas se for isso mesmo, não demorará a saber que a paciência dos brasileiros já se esgotou, e que eles não se satisfarão com nada menos do que resultados...